



A DAMA DO CINE SHANGHAI (1967)
GUILHERME DE ALMEIDA PRADO

Por Marcela Almeida

Lucas (Antônio Fagundes) não fuma. Um vício que ele não tinha antes de entrar no Cine Shanghai naquela quente noite paulista, ele diz. Sua voz, em off, narra os motivos para ir ao cinema enquanto vemos um homem entrar em um apartamento escuro - um sinal em neon brilha do lado de fora da janela com os dizeres: Shanghai. Lucas explica que nessa noite de verão - “quando o calor deixa tudo imóvel” - ele foi ao cinema para escapar da realidade.

O homem, no apartamento, se aproxima de uma mesa e vê um punhal que reflete a luz da rua. Do cômodo ao lado sai uma mulher, eles planejam o assassinato de seu marido. Os amantes, que encheram os primeiros minutos do filme, estão em outra tela, na tela de dentro do cinema em que o protagonista assiste ao filme em cartaz - A Dama do Cine Shanghai.

O filme de Guilherme de Almeida Prado presta uma homenagem explícita ao filme A Dama de Shanghai, de Orson Welles, lançado em 1948. Além de quase emprestar o nome do americano, o filme brasileiro faz um jogo com a história de Welles (baseada no livro *If I Die Before I Wake* de Sherwood King). Nas duas narrativas a voz do protagonista nos avisa que estamos prestes a ver o momento em que suas vidas mudaram de rumo e no centro dos problemas está uma mulher. As *femmes fatales*, interpretada no filme de 1948 por Rita Hayworth e no de 1987 por Maitê Proença, usam dos seus poderes de sedução para atrair homens como Michael O’Hara (1948) e Lucas (1987) para seus planos de assassinato.

A presença da personagem feminina sedutora e perigosa é uma das características dos filmes noirs, assim como narrativas tortuosas, com personagens misteriosos, crimes a serem resolvidos e um protagonista, homem, na figura do anti-herói. A Dama do Cine Shanghai usa de todos esses traços para contar a história de Lucas, um agente imobiliário, ex-

lutador de boxe, na cidade de São Paulo, que entra no cinema e conhece uma mulher misteriosa e sedutora, Suzana. Enquanto ele vê Suzana sentar em uma das poltronas, acompanhada pelo lanterninha, uma mulher muito parecida com ela, idêntica, confabula com seu amante na tela do Cine Shanghai. A princípio a semelhança entre essa mulher e a atriz Laila Van não é importante e Lucas passa noites esperando Suzana no restaurante Chuang Tzu, onde ela disse que o encontraria. Em uma dessas noites, Lucas se mete, sem querer, em negócios da máfia. Ele é acusado de assassinato e a identidade de Suzana parece uma pista direta para o verdadeiro culpado.

O mundo de *A Dama do Cine Shanghai* é uma São Paulo artificial iluminada por letreiros em neon. Dividem com ele essa ambiência mais dois filmes da década de 80, *Cidade Oculta* (Francisco Botelho, 1986) e *Anjos da Noite* (Wilson Barros, 1987), formando a Trilogia da Noite Paulistana na vertente estilística do Neon-Realismo. Esse lugar de *Cidade Oculta*, de *Anjos da Noite* e de *A Dama do Cine Shanghai* é habitado por pessoas que parecem voltar à vida a cada noite e morrer durante o dia assim como um filme que revive sempre que rodado e morre no fim dos seus créditos.

Em todas as sessões do cinema, a doppleganger de Suzana, no filme dentro do filme, arquiteta a morte de seu marido e convence seu amante a cometer o assassinato por ela. Sua imagem dupla é um disfarce, ela usa uma máscara de si mesma, um reflexo, assim como a femme fatale de Rita Hayworth mostra, na sala de espelhos, suas várias faces escondidas, uma dentro da outra. Alguém com tantas imagens, tantos reflexos não pode ser confiável. Seus duplos emoldurados são lembranças satíricas da mulher real.

A Suzana, “em carne”, repete a história projetada, uma criatura que

escapa de suas telas à procura de novas vítimas para recomençar e terminar o roteiro em que está presa. Uma vez na tela do Cine Shanghai, para os espectadores ali sentados, e então, novamente, na minha tela.

Faz parte de A Dama do Cine Shanghai essa reverência a outros filmes que criam cenas, parece, pelo prazer de cria-las, de vê-las vivas. Quando Lucas e Suzana, atrás do verdadeiro culpado pelo assassinato de que está sendo acusado, entram em uma festa de casamento no jardim de uma bela casa e conversam com o anfitrião, um homem mais velho com um sotaque forte, o filme parece ter mudado. As cores são outras, os atores os mesmos, mas seus nomes são diferentes. Todos ali desempenham mais de um papel, o dono do restaurante Chuang Tzu é um fotografo no casamento, Bolívar (José Mayer) é o mafioso que Lucas conhece no restaurante chinês e é também o amante de Laila no filme que Lucas assiste, mas no casamento ele é Miguel, apenas um convidado acompanhado de sua mulher. Lucas também desempenha outro papel, ele se apresenta como Tenente, o homem que Bolívar e seus capangas confundem com ele no Chuang Tzu. A sensação é de que entramos em um outro filme, em A Dama do Cine Shanghai sempre temos a impressão de que, com o mudar das cenas, penetramos em uma película dentro da película em uma eterna sucessão de histórias que de alguma forma se complementam.

Em certo momento, Lucas descobre ter cometido um grande engano. Ele acabou matando um homem inocente no lugar de assassinar Desdino. Nesse momento a película engasga e queima abrindo um buraco, Suzana nunca existiu, Suzana é Laila. “Não tenho tempo para explicar”, diz Desdino no quarto escuro da primeira cena do filme. Não tem tempo, mas também não existe necessidade, um filme não precisa se explicar e esse

com certeza não se preocupa em fechar todos os buracos do mistério, não importa.

O cine Shanghai é um lugar mágico, onde a realidade e a ficção se entrelaçam e são difíceis de discernir. Prado mostra seu fascínio por filmes e pela ilusão do cinema, ele cria uma narrativa com um desenvolvimento absurdo que começa dentro desse lugar de sonhos, onde o impossível não é questionado e os espectadores abaixam suas guardas para entrar naquele universo de histórias projetadas. No caso do protagonista, a história que se desenrola na tela é muito próxima do que acontece em sua vida, talvez ele tenha abaixado sua guarda demais, talvez ele nunca tenha saído do cinema.

Entre os créditos, Lucas, usando a camisa florida com que o vemos pela primeira vez, sai do cinema com um sorriso no rosto e usa o pôster do filme - A Dama do Cine Shanghai - para riscar um fósforo e acender seu cigarro negro. Fumando, ele anda pelas ruas de São Paulo. Como a lenda chinesa que conta o japonês, ora dono do restaurante Chuang Tzu, ora fotógrafo de casamentos, “o sábio que um dia sonhou que era uma borboleta e acordou sem saber se era um homem que sonhava ser borboleta, ou então uma borboleta que agora sonhava ser homem”, não sabemos se Lucas sonhava estar no filme ou se sonhava que podia sair dele. Dentro de um cinema tudo é possível.

Marcela Patricio de Almeida